

**NOTAS DE TEORIA E METODOLOGIA
BIOGRÁFICAS: uma resenha do texto de Christine
Delory-Momberger. Abordagens Metodológicas na
Pesquisa Biográfica. Revista Brasileira de Educação,
vol. 17, nº 51, p. 523-536, 2012.**

NOTES OF BIOGRAPHIC THEORY AND
METHODOLOGY: a review of the text by
Christine Delory-Momberger. Methodological
Approaches in the Biographic Research. Revista
Brasileira de Educação, vol. 17, nº 51, p. 523-
536, 2012.

Rodrigo Matos de Souza
Universidade do Estado da Bahia

Num exercício sempre necessário de retomada das bases de um campo, para melhor compreender o desenvolvimento de seus movimentos mais recentes, Christine Delory-Momberger (2012) inicia seu texto falando da compreensão necessária dos condicionantes históricos, culturais, políticos e temporais que amparam a pergunta fundante da pesquisa autobiográfica, a saber, como os indivíduos se tornam indivíduos? Para compreender o processo de tentativa de resposta do campo a essa pergunta, divide sua primeira seção, intitulada *O Projeto Epistemológico da Pesquisa Biográfica*, em três subseções que tentam explicitar para o leitor os problemas teóricos mais gerais que afetam, em menor e maior grau, a pesquisa autobiográfica: *O Indivíduo como Ser Social Singular*, *A Temporalidade da Experiência* e *A Biografização da Experiência*.

Em *O Indivíduo Como Ser Social Singular*, a autora lança um olhar sobre o objeto – mesmo com todas as reticências ao uso desse termo em educação – da pesquisa biográfica, o sujeito. De como esse indivíduo não pode ser percebido de forma isolada, mas atravessado pelos eventos de sua experiência vivida, fazendo-os acontecimentos de sua experiência singular. Trata de permitir entrever o quadro de situações materiais que dão sentido à gênese e à história desse indivíduo em uma determinada sociedade.

A subseção *A Temporalidade da Experiência* é para a autora o ponto de distinção de sua disciplina das demais que também se ocupam do mesmo objeto, o indivíduo. Para ela, a pesquisa biográfica ganha especificidade na medida em que introduz a dimensão do tempo e sua atualização enquanto temporalidade biográfica da experiência e da existência, o que implica num movimento de percepção da inscrição do tempo na experiência – narrada – do indivíduo.

Nesse ponto, ela indica a dificuldade que as Ciências Sociais têm de trabalhar com a categoria tempo, deixando entrever que essa dificuldade estaria superada na Pesquisa Biográfica pela percepção da territorialização do tempo na experiência do sujeito. Repousa aí um equívoco básico de procura, que é bater à porta errada em busca de referência, as Ciências Sociais não respondem, para além das aspas, à

questão do tempo simplesmente porque, tal como a Educação, já sabem o endereço no qual localizar o debate sobre o tempo de forma apropriada, onde historicamente as abstrações ganham a potência do diálogo epistemológico, a filosofia, em especial, os campos da Hermenêutica, da Ontologia e da Fenomenologia.

Em *A Grafitação da Experiência*, salienta, a partir da compreensão da temporalidade das ações do vivido, uma perspectiva histórica dos tempos vividos do sujeito, não circunscrita apenas ao discurso ou às formas organizadas e normatizadas como texto, mas a percepção de que as categorias temporais possuem, cada uma, um devir próprio. Seguindo a lógica da razão narrativa, o sujeito, independente da unidade temporal a que esteja submetido, vive sua vida como uma narrativa, sendo a narrativa, nesse caso, não apenas um discurso, mas uma forma do sujeito relacionar-se com o mundo. O neologismo biografização busca representar estes processos históricos não escritos, mas orientados e organizados pela escrita, com início, meio e fim.

Após esse introito, em que se recapitulam os problemas seminais da Pesquisa Biográfica, nossa autora passa para outra questão complexa na definição de qualquer campo, que é o *modus operandi* das investigações, inscritos na recolha do material e na análise do material recolhido.

Reafirma a natureza particular, utilizo os termos da autora, do terreno e do material da pesquisa biográfica, que podem evidenciar a pluralidade de manifestações discursivas, mas estão limitados pela linguagem do sujeito que fala sobre si. A narrativa ganha, nesse contexto, a potencialidade do discurso que mantém maior proximidade com a dimensão temporal, diferente de outras formas de discurso, pouco – ou nada preocupadas com o tempo – mas, que podem ser acolhidas pelo relato, tornando os sistemas de valor utilizados pelo narrador mais evidentes.

Restringe, para o trabalho na seção *Abordagem Metodológica I: o material biográfico*, à questão da Entrevista Narrativa Biográfica, cuja finalidade se anuncia no título de sua primeira subseção, que é apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência. Para se conseguir pen-

etrar no universo individual do sujeito, percebendo sua especificidade em meio a outros e à sociedade, a autora afirma que o pesquisador deve ter o conhecimento mais preciso do contexto e do campo em que desenvolve a pesquisa, assim, o investigador poderia separar melhor o que é do sujeito e o que é da sociedade, identificando, a partir de sua narrativa, as configurações que esse sujeito dá à sua própria existência e que o reafirma enquanto singularidade.

Observa uma dificuldade de compreensão básica na relação do sujeito entrevistador com o entrevistado, a de que essa experiência é uma atividade criativa, na qual o sujeito procura dar respostas a um processo de investigação que busca a compreensão do sujeito sobre si mesmo, mas acaba por instaurar um espaço duplo no qual ao entrevistar o sujeito, empreende-se um deslocamento de posições, no qual o entrevistado pode encontrar a si mesmo como entrevistador e o entrevistador, por sua vez, tem de criar condições para que esse encontro se dê.

Ultrapassando o mero caráter utilitarista que está impresso no interesse de saber se uma entrevista é diretiva, semidiretiva ou não diretiva, a autora conduz suas preocupações para o estatuto da questão e do questionador, interrogando-o. Para ela, a entrevista possui uma ideia falsamente simples de que sua dinâmica se inscreve apenas no paradigma da pergunta e da resposta. Esse modelo pode até funcionar em casos nos quais o fim é ilustração ou a demonstração, mas tem pouca sustentação quando se busca nesses relatos os argumentos concretos fornecidos pelos relatos de vida. Esse tipo de pesquisa acaba por conduzir a entrevista para responder à hipótese criada pelo autor da tese, ignorando as informações laterais como algo não pertinente.

Após essa crítica ao modelo mais frequente de pergunta e resposta, Delory-Momberger, aponta um outro paradigma como saída para esse tipo de procedimento, que é quando este entrevistador se coloca na condição de narratário, ou seja, para quem se conta uma narrativa e cuja função não é mais reduzir a narrativa a seus interesses, mas seguir os atores – preferiria o uso do termo personagem, por afirmar o caráter narrativo do relato – procurando apreender as formas de existência do narrador. Essa subversão da ordenação pergunta-resposta coloca para o narratário a condição de estar sempre correndo atrás dos sentidos do narrador, sem nunca ultrapassá-los, seu questionamento só pode ser ulterior. O que leva a autora a se perguntar sobre a viabilidade desse posicionamento, o qual considera ser um paradoxo incontornável enquanto se mantiver regrado pelo ordenamento

da pergunta e da resposta, do pesquisador e do pesquisado ou do narratário e do narrador, cuja aporia encontraria superação em outra maneira de distribuição da pergunta e da resposta, em que se possa restituir o que está em jogo na pesquisa biográfica, o lugar do perguntado e do perguntador. O que, a meu ver, só reafirma o caráter aporético da pesquisa biográfica, que, ao invés de se preocupar com superação de seu paradoxo de base, poderia encará-lo como característica do humano, que é por si antinômico.

Na seção *Abordagem Metodológica II: analisar as entrevistas biográficas*, ela se debruça sobre a análise do material da entrevista, o texto. Para ela, o relato deve ser analisado tendo em vista a categoria ricoeriana de enredamento - a intriga das traduções brasileiras de Ricoeur (2012), percebendo a configuração dos elementos que compõem a narrativa, dando a cada elemento uma função e um sentido de contribuição à compreensão da história contada, o que implica uma outra dimensão de relação com o narrado, no qual esse não é apenas o efeito de contar, ele tem também a capacidade de agir performativamente sobre aquilo que relata. A partir desse pressuposto, o problema que se insere não é o de como interpretar, mas sobre o objeto a ser interpretado, que é o texto, o texto como ação e a ação como texto, a experiência que se conhece a partir do texto, sem submetê-lo ao cotejo com o real, procurando uma verdade, sua verdade já está no inscrita no relato, na ação representada por esse texto. Por isso, os instrumentos de análise nesse tipo de pesquisa encontram-se nas ciências dos textos e, por outro lado, nas diversas teorias da ação.

A partir desse ponto, a autora oferece exemplos de como essas análises podem se dar, expondo as categorias de trabalho desenvolvidas no processo de análise dos materiais de cada trabalho – o que, a não ser pelo exemplo, poderia ser suprimido do texto sem nenhuma perda para a reflexão já exposta.

Por fim, em sua conclusão, aponta um conceito que pode nos ajudar a entender o ofício do pesquisador, ao mesmo tempo em que nos insere em uma nova aporia. O conceito de bricolagem, do pesquisador como *bricoleur*, um sujeito capaz de fazer diversas atividades sem convocar um especialista para resolver as etapas de seu trabalho, inserindo a pesquisa biográfica numa forma de artesanato intelectual sofisticada que, ao mesmo tempo em que forma o sujeito da especialização, o convoca a tomar parte e a conhecer as diversas formas de feitura de seu campo.

Referências

DELORY-MOMBERGER, Christine. IN: **Revista Brasileira De Educação**, V. 17, Nº 51, SET-DEZ, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

Rodrigo Matos de Souza

Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB), com estágio de doutoramento [Doutorado Sanduíche] pela Universidade de São Paulo e pela Universidad de Sevilla. Editor-Executivo da Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. Bolsista CAPES-DS e bolsista de estágio de doutoramento da CAPES/PROCAD e CAPES/PDSE-BEX 1120/14-0 – Capes Foundation, Ministry of Education of Brazil, Brasília – DF 70.040-020, Brazil..

Recebido em: 26/10/2013

Aceito para publicação em: 17/01/2014